

Escola que vai além da sala de aula

Centro Educacional 2 de Ceilândia recebe prêmio da Unesco por desenvolver trabalho comunitário e melhorar relação entre alunos

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

Os alunos, professores e funcionários do Centro Educacional (CE) 2, em Ceilândia, estão em festa. Eles comemoram o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar, concedido pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). "Isso é o reconhecimento do nosso trabalho", alegra-se a diretora Vânia Rego. Além do Centro Educacional 2, a Unesco premiou a Escola Classe 312 Norte, a Escola Rural do Rodeador e a Escola Classe 27 de Taguatinga.

Trabalho é o que não faltou para obter essa premiação. Foram tantos projetos desenvolvidos ao longo de quatro anos que a diretoria do CE não tinha idéia da quantidade exata — só descoberta quando da inscrição no prêmio da Unesco. O primeiro deles foi aproximar mais a escola na vida da comunidade de Ceilândia.

Em 1995, os próprios alunos saíram às ruas próximas da escola e fizeram um levantamento dos analfabetos, maiores de 14 anos, que moravam na comunidade para indicá-los ao Centro Educacional Paulo Freire, voltado para a alfabetização de adultos.

Além disso, a escola começou a verificar os problemas dos moradores e principais reivindicações. Aliada às lide- ranças comunitárias, lutou pelas melhorias, como o asfalto para algumas quadras que ainda estavam no chão de terra batido. "A escola passou a ocupar um espaço importante na vida da comunidade. Cuidamos dela e eles cuidam da escola", diz Vânia Rego.

Os moradores tiveram e têm várias oportunidades de participar do dia-a-dia do colégio. A escola criou o Dia de Integração. Uma vez por semana, o centro educacional abre as portas à comunidade, que assiste a palestras sobre drogas, prevenção de doenças, acidentes domésticos e até cortam o cabelo.

NOVO MODELO

Outro passo importante foi dado nas relações entre professores e alunos. O tradicional modelo no qual apenas os mestres têm voz ficou para trás. Impor regras aos estudantes não adiantava mais. Era preciso fazê-los participar das decisões. Dessa discussões, saiu o regimento interno comum a todos. "É uma forma de integrar professores e alunos, além de resgatar a auto-estima e solidariedade", opina Vânia Rego.

As regras são simples, como por exemplo, professores não podem fumar em sala de aula. E os alunos se comprometem a não conversar enquanto a sirene do intervalo não tocar. "São coisas simples, mas que ajudaram na convivência entre todos", comemora a diretora.

Os estudantes comentam as mudanças no relacionamento com os professores. "Existem muitas escolas autoritárias. Aqui, os pro-

fessores são mais amigos e participam mais da nossa vida", relata a estudante Luciana de Assis, da 5ª-série. "Aqui não há bandidos. E temos uma convivência pacífica uns com os outros", diz Alexandre Silva Santos, 14, aluno da 5ª-série. "Quando sair daqui posso bater no peito e dizer: estudei no CE 2 de Ceilândia", orgulha-se Gleice Kelly, 12, da 6ª série.

As constantes brigas que ocorriam durante o intervalo acabaram depois da criação das regras de convivência. Os alunos trocaram as discussões por animados bate-papos. "Quase todos os dias saía um aluno machucado para o hospital", relembrava a diretora.

Durante o intervalo, os estudantes se divertem com a Rádio Corredor. Entre um rap e outro, mensagens de amor e recados de interesse da comunidade escolar saem das sete caixas de som espalhadas pela escola. "Os alunos têm prazer de vir estudar aqui", anima-se Vânia Rego.

ESCOLA CANDANGA

Em meio às comemorações pelo prêmio da Unesco, a diretora Vânia Rego e o vice Adilson César de Araújo estão preocupados com o futuro de outro trabalho desenvolvido no Centro Educacional 2. A Escola Candanga, projeto do governo passado, não tem a simpatia da secretaria de Educação, Eurides Brito, e está seriamente ameaçada de extinção. Os dois professores acreditam

"A ESCOLA PASSOU A OCUPAR UM ESPAÇO IMPORTANTE NA VIDA DA COMUNIDADE. CUIDAMOS DELA E ELES CUIDAM DA ESCOLA."

Vânia Rego,
diretora do Centro Educacional 02.

que o fim da Escola Candanga representa um retrocesso. "A seriação já acabou. É um sistema que já deu o que tinha de dar", opina Adilson César.

Este ano, está previsto o início da terceira fase da Escola Candanga no CE 2. "Ainda é um mistério, diz Vânia. Estava previsto, segundo a diretora, a abertura de novas vagas. Com isso, o número de turma passaria das atuais 28 para 40 — 20 em cada turno. "A Escola Candanga é viável", acredita. Ela cita o exemplo da Escola Plural, outro projeto semelhante com resultados positivos em Belo Horizonte. Os professores dizem que a própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação no país aponta o fim da seriação na educação de base e a formação das fases e ciclos.

Outro ponto polêmico que tira o sono dos professores é o fim da gestão democrática, também considerado por eles como um retrocesso. "Isso é uma conquista de anos de luta da categoria", afirma Adilson de Araújo, que não concorda com a exoneração dos assistentes de direção das escolas. "Essas pessoas foram indicadas por nós, mas aprovadas pelo Conselho Escolar formado por professores, alunos e comunidade", ressalta a diretora.

Os professores da rede pública de ensino vão se reunir hoje à noite na sede do sindicato da categoria (Sinpro) para debater o fim da Escola Candanga e da Gestão Democrática. O encontro será às 19h.